

OS HERÓIS NÃO SE ESCONDEM NAS SOMBRAS

SKANDAR E O CAVALEIRO FANTASMA



A.F. STEADMAN

*Para o Popa,
que me ensinou que podemos
sempre mudar de barco.*

A ILHA

TERRAS SELVAGENS

FORTALEZA PRATEADA

ZONA DO FOGO

ARENA
E COMPLEXO
DO CAOS

NINHO
DA ÁGUIA

CASA NA ÁRVORE DOS
TROCA-SEGREDOS

QUATRO-CAMINHOS

ZONA DO AR





ZONA DA ÁGUA



INCUBADORA

COLINA DAS FLORES SILVESTRES

PRAIA DO PESCADOR

ROCHEDOS ESPELHADOS

ZONA DA TERRA

TERRAS SELVAGENS



Unicórnio Branco de Uffington



ÍNDICE

Prólogo	xi
Kenna – Batem a Porta	1
<i>Capítulo Um: Um Piquenique Sangrento</i>	7
<i>Capítulo Dois: Os Problemas do Canto Verdadeiro</i>	16
<i>Capítulo Três: A Cerimynia das Selas</i>	41
Kenna – A Rapariga com o Segredo	61
<i>Capítulo Quatro: O Visitante Indesejado</i>	67
<i>Capítulo Cinco: A Colina das Flores Silvestres</i>	85
<i>Capítulo Seis: A Sociedade Peregrina</i>	113
<i>Capítulo Sete: Remendeiro</i>	139
Kenna – Os Prateados no Mar	161
<i>Capítulo Oito: Capítulos do Caos</i>	166
<i>Capítulo Nove: A Fortaleza Prateada</i>	194
<i>Capítulo Dez: Justas na Escuridro</i>	221
<i>Capítulo Onze: Os Cazadores de Unicyrnios</i>	241
Kenna – O Homem dos Olhos Flamejantes	267
<i>Capítulo Doze: Acusados</i>	272
<i>Capítulo Treze: O Festival da Bgua</i>	289
<i>Capítulo Catorze: Os Troca-Segredos</i>	302
Kenna – O Olho da Tempestade	319
<i>Capítulo Quinze: O Torneio</i>	324
<i>Capítulo Dezasseis: Um Conto de Duas Irmrs</i>	349
<i>Capítulo Dezassete: Um Novo Canto</i>	369

Kenna – O Solstício de Verão	387
<i>Capítulo Dezoito: Falta Um</i>	390
<i>Capítulo Dezanove: O Cavaleiro Fantasma</i>	407
Kenna – O Grito na Escuridão	424
<i>Capítulo Vinte: O Reencontro</i>	427
<i>Capítulo Vinte e Um: O Início</i>	454
Epílogo	461
Agradecimentos	463



PRÓLOGO

Numa noite sem lua, dois unicórnios atravessavam uma planície marcada por cicatrizes de batalha.

O primeiro unicórnio galopou pelas Terras Selvagens, incitado por um cavaleiro mascarado. O segundo unicórnio caminhava ao ritmo do coração podre da sua cavaleira. Era uma batida lenta, uma batida constante, a cadência de um coração habituado ao caos.

O cavaleiro mascarado chegou primeiro ao ponto de encontro, e as chamas dos seus olhos eram a única luz na escuridão infundável. Observou a aproximação da Tear; os cascos decrepitos do seu unicórnio martelavam a terra como um tambor fúnebre.

Os olhos do cavaleiro tremeluziram de medo quando a criatura imortal da Tear se moveu em círculos ao seu redor. Ele tinha sempre medo dela. E isso fazia-o sentir-se vivo.

A Tear sentia que incutia terror nele. Ela seria sempre temida. E isso não a fazia sentir nada.

— Chegou a hora.

SKANDAR E O CAVALEIRO FANTASMA

A voz da Tear não era totalmente humana; as palavras decompunham-se como as asas do seu unicórnio.

O espião de olhos flamejantes inclinou a cabeça e cavalgou de volta a Quatro-Caminhos.

A Tear observou a sua partida, com um sopro sufocado de vento a apanhar-lhe o manto negro. Não pensou na derrota que sofrera, nem no filho que a traía. Pensou apenas no futuro.

É que se ela não conseguia ganhar o jogo... então iria mudá-lo.



KENNA

BATEM À PORTA

Na véspera do solstício de verão, Kenna Smith estava sentada na praia, a ver o sol afundar-se no mar. À medida que as luzes de Margate se iluminavam atrás dela, tirou a carta de Skandar do bolso, fitou o envelope e, depois, voltou a guardá-la — por abrir. Recebera-a há três dias. Queria lê-la. Queria mesmo. Tinha tantas saudades do irmão que, às vezes, quando estava meio a dormir, inspirava fundo para lhe sussurrar algo na escuridão. Algo tolo. Algo assustador. Algo secreto. E depois lembrava-se de que a cama dele estava vazia. De que estava vazia há quase um ano. Em vez disso, ele dormia numa casa na árvore na Ilha e, durante o dia, aprendia magia elemental com o seu próprio unicórnio.

O problema das cartas era esse. Recordavam a Kenna que ela nunca teria um unicórnio. Há dois anos, chumbara no exame de Incubação, que determinava se estava destinada a tornar-se cavaleira. Isto significava que ela nunca se vincularia a um unicórnio e que nunca viveria na Ilha. E desde que

visitara Skandar há algumas semanas e conhecera o unicórnio dele, Destino do Patife, tornara-se mais difícil ler as cartas do irmão.

Não conseguia parar de pensar no modo como Skandar e Patife espelhavam os movimentos um do outro, como se tivessem sido esculpidos da mesma alma. No modo como os músculos do pescoço do unicórnio negro ondulavam, com faíscas a voarem das suas asas, quais partículas de poeira estelar. No amor intenso nos olhos de Skandar quando olhava para Patife. Um vínculo mais profundo do que um irmão e uma irmã partilhavam. Um vínculo que conseguia fazer magia.

Kenna sacudiu a areia dos pés e voltou a calçar os sapatos da escola. Os seus amigos tinham estado ali mais cedo — os novos amigos, que não se importavam com unicórnios. Quando ela regressara da Prova de Treino de Skandar, ficara tão farta de que todos lhe perguntassem a respeito da Ilha, que anunciara maldosamente que era uma versão pior do Continente e que os unicórnios eram apenas cavalos assustadores com asas horríveis. A maioria das pessoas não gostara de ouvir aquilo, mas o grupo antiunicórnios tratara-a como a sua rainha.

No intervalo, tinham-se juntado em volta de Kenna e riam-se quando ela contava que os cavaleiros eram obrigados a vestir velhos casacos coçados e a viver em árvores. E Kenna sentira um vislumbre de esperança de que, afinal de contas, talvez pudesse pertencer ao Continente. Que era capaz de superar aquilo. Até se recusara a assistir à Taça do Caos este ano com o pai. Fingira não ver a expressão magoada no seu rosto quando o deixara sozinho junto à televisão, para ver a corrida de unicórnios mundialmente famosa. Kenna impedira-se de pensar em quão desiludida a sua

BATEM À PORTA

mãe ficaria com ela e, em vez disso, deambulara com os seus novos amigos pelo centro deserto da cidade.

Naquele dia, Kenna não vira Nina Kazama tornar-se Comandante do Caos — a primeira continental da História a ganhar a Taça do Caos. Agira como se isso não a incomodasse. Mas quando se fechara no quarto, vira centenas de *clips* de Nina no seu unicórnio, Fraude do Relâmpago, a passar por baixo do arco da meta. E apercebera-se de que não pertencia realmente ao seu novo grupo de amigos; de que estava apenas a fingir.

Ao chegar a casa, Kenna marcou o código da porta principal do apartamento de Sunset Heights e pensou nas casas nas árvores que vislumbrara na Ilha. Não podia deixar de desejar que ela própria morasse com Skandar e os amigos no Ninho da Águia e que tivesse um unicórnio como Destino do Patife nos estábulos lá em baixo. A verdade é que, mesmo após dois anos inteiros, Kenna ainda queria um unicórnio mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— Kenna?

— Olá, Pai — disse ela enquanto entrava no apartamento 207.

Ele já estava vestido para o seu turno da noite na bomba de gasolina. Ficou aliviada; nalguns dias, ela tinha de o convencer a ir trabalhar e, noutros, não havia forma de o persuadir. Mas hoje era um dia mais simples, daqueles que Kenna contava a Skandar nas suas cartas, não um dos mais difíceis, que guardava para si.

Caminharam em redor um do outro no corredor — uma dança familiar. Ela prendeu o casaco no cabide atrás da cabeça dele, enquanto ele deixava cair as chaves no bolso da frente da camisa.

— Viste o correio? — perguntou o Pai.

O que ele estava a perguntar realmente era se chegara uma carta de Skandar.

— Sim, vi. Nada — mentiu Kenna.

— Oh, bem... Não deve demorar muito, imagino. — O Pai deu-lhe um beijo no topo da cabeça. — Boa noite, querida. Vemo-nos de manhã.

A carta de Skandar ardia no bolso dela quando se retirou para o quarto. Kenna sabia que a deveria ter partilhado com o Pai, mas não conseguia lidar com isso, não esta noite. Era a véspera do solstício de verão. Crianças de 13 anos por todo o país tinham realizado os seus exames de Incubação hoje, todas com a esperança de ouvirem cinco batidas na porta à meia-noite — para serem convocadas para se tornarem cavaleiras de unicórnios. Kenna tinha a certeza de que, se tivesse mencionado a carta ao Pai, ele só ia querer falar sobre como Skandar fora chamado para a Ilha no ano passado por esta altura.

Na verdade, o Pai só queria falar a toda a hora de Skandar e Destino do Patife. E Kenna sentia que nada do que fizesse — ter boa nota no teste de Matemática, fazer um novo amigo, chorar até adormecer — valia a pena sequer ser mencionado. Apesar disso, tinha de admitir que adorava ver o Pai feliz; durante a maior parte da sua infância, ele raramente sorria. Por este motivo, Kenna estava encurralada entre os seus próprios sentimentos e os dele.

Mas ela estava a esconder outra coisa do Pai, além da sua infelicidade. Kenna estava convencida de que havia algo mais em relação à invulgar viagem de Skandar para a Ilha do que ele revelara. Ela passara a pente fino todos os livros na biblioteca, todos os *websites*, todos os fóruns, em busca de provas de que

BATEM À PORTA

algumas crianças eram tão talentosas que não precisavam de fazer o exame de Incubação.

Não encontrara nada. Era exigido que todas as crianças que fizessem 13 anos antes do solstício de verão realizassem o exame de Incubação. Constava do Tratado. Era a lei. Embora, aparentemente, isso não se tivesse aplicado a Skandar. Kenna sentia vergonha dos pensamentos maldosos que lhe enchiam a cabeça. Que ela sempre fora mais forte, mais rápida, mais inteligente. Ela ajudara a criar Skandar; saberia se ele fosse excepcional. E, embora ela o amasse muito, ele não era. Ele sempre precisara dela. E isso só podia significar que Skandar estava a esconder alguma coisa.

Já era tarde. Kenna enfiou-se debaixo do edredão, colocando cuidadosamente a carta de Skandar na mesa de cabeceira. Lê-la-ia amanhã. Talvez. Fitou o teto, determinada a não esperar pela meia-noite. Seria a terceira meia-noite que passaria sem que batessem à porta e a chamassem para a Ilha. Tentou não imaginar o seu próprio unicórnio, como sempre fizera no solstício de verão durante toda a sua vida: a sua cor, as suas asas, a sua aliança elemental.

Truz-truz.

Kenna sentou-se muito direita. O Pai ter-se-ia esquecido das chaves? Mas não, ela vira quando ele as pusera no bolso.

Truz-truz.

Ela não estava a sonhar. Estava definitivamente acordada.

Kenna foi em bicos dos pés até à porta da entrada e hesitou. Responderia se ouvisse outra batida. Caso contrário, seria sensata. Voltaria para a cama.

Truz-truz.

Com o coração a disparar, Kenna abriu a porta do apartamento 207 e deu por si diante de um homem pálido, totalmente vestido de preto. Os olhos verdes do homem giraram para a esquerda e para a direita de Kenna e depois detiveram-se desconcertantemente na sua face. As maçãs do rosto dele pareciam perigosamente aguçadas à luz do corredor; um estranho lampejo de prata surgiu na sua língua quando abriu a boca para falar.

— Dorian Manning. — Ele esticou uma mão magra.

Kenna não pegou nela.

— Presidente da Incubadora e líder do Círculo Prateado. — Aclarou a garganta cheio de importância e comprimiu o nariz como se esperasse que ela dissesse alguma coisa, o que fazia com que parecesse uma ratazana de esgoto.

— OK... — O coração de Kenna bateu descontroladamente quando ele mencionou a Incubadora, mas conseguiu manter a voz estável enquanto prendia uma madeixa de cabelo castanho atrás da orelha. — E o que faz aqui?

— Vim propor-te um acordo — disse ele com um ar pomposo.

Kenna começou a fechar a porta. Este homem era claramente alguma espécie de fã excêntrico de unicórnios. Fora apenas uma coincidência ter batido à porta nos primeiros minutos do solstício de verão. A desilusão acumulou-se em cima de todas as outras que Kenna sofrera, e endureceu o seu coração um pouquinho mais.

Mas a porta não se fechava. Dorian Manning bloqueava-a com a ponta da sua bota preta brilhante.

— Não estás interessada em descobrir o unicórnio que te está destinado, Kenna Smith?



CAPÍTULO UM

UM PIQUENIQUE SANGRENTO

Skandar Smith observava o seu unicórnio negro, Destino do Patife, a lamber sangue dos dentes. Estava um belo dia para fazer um piquenique. O céu de agosto estava mais azul do que a magia da água, e o calor do Sol mantinha o frio do outono categoricamente no futuro.

— Onde foram parar todas as sandes? — perguntou Mitchell Henderson, com os óculos castanhos descaídos. Arrastou-se de joelhos, procurando meticulosamente num cesto de verga.

— Comia-as... obviamente — disse Bobby Bruna, sem se dar ao trabalho de abrir os olhos.

— Era suposto serem para todos! — resmungou Mitchell. — Dividi-as especificamente em partes iguais entre nós...

Bobby apoiou-se no cotovelo.

— Pensei que isto era um piquenique. Comer sanduíches não é precisamente aquilo que devíamos fazer?

— Aqui tens, Mitchell. — Flo Shekoni gatinhou pela manta em que estavam sentados. — Podes ficar com uma das minhas;

já as tirei do saco. — Flo não gostava nada de discussões, por isso não era surpreendente que estivesse disposta a abdicar de uma sanduíche para manter a paz.

— A Bobby fez esta? — Mitchell mordiscou com desconfiança uma ponta do triângulo que Flo lhe dera.

Flo riu-se.

— Não sei, mas já não a quero de volta! Dá à Rubi, se não quiseres.

Skandar estava encostado ao flanco de Patife, com a ponta de penas da asa dobrada do unicórnio a fazer-lhe cócegas no pescoço. Nunca se sentira tão descontraído desde que chegara à Ilha, há mais de um ano. E estava feliz; como poderia não estar? Skandar encontrara finalmente o seu lugar. Estava vinculado a um unicórnio. Tinha *amigos* — Bobby, Flo e Mitchell — que queriam fazer piqueniques com ele. Os quatro compunham um quarteto, o que significava que partilhavam uma casa na árvore na escola de treino de cavaleiros conhecida como o Ninho da Águia. Todos tinham passado a Prova de Treino no final do 1.º ano como Crias e estavam prestes a começar as aulas como Filhotes.

O coração de Skandar bateu mais depressa ao lembrar-se do dia da Prova de Treino, e Patife deu um ronco profundo, tentando tranquilizá-lo. Depois de passarem a corrida por pouco, Skandar e os amigos tinham defrontado uma inimiga mortal — a Tear — e lutado para impedir que o seu unicórnio selvagem atacasse o Continente.

Skandar tinha tentado não pensar na Tear desde então — nem na descoberta aterradora de que ela era a sua *mãe*. Tentara não reviver o momento em que ela cavalgara até ele e Patife,

UM PIQUENIQUE SANGRENTO

no seu unicórnio selvagem em decomposição. Tentara também não pensar no facto de não ter contado à sua irmã mais velha, Kenna, que a mãe deles estava viva. Vasculhou no bolso, à procura da carta que ela lhe tinha enviado mesmo antes do solstício de verão. Não a tirou. Limitou-se a passar o polegar pelas arestas — como se isso pudesse aproximá-la de si, como se pudesse fazê-lo sentir-se melhor em relação ao que escondia dela.

— Acreditam que os treinos começam de novo dentro de algumas semanas? — perguntou Flo com nervosismo enquanto observava o seu unicórnio, Sabre de Prata, a beber do rio, alguns metros mais à frente.

— Por *mim*, começávamos amanhã — disse Bobby. As penas da sua mutação esvoaçaram-lhe pelos braços com a excitação.

— Só queres começar a bater nas pessoas com armas elementais — resmungou Mitchell.

Bobby sorriu perigosamente e disse:

— *Claro* que quero. Vamos competir em justas! Como dizem no Continente, vou divertir-me mais do que uma pulga na feira popular.

Skandar riu-se da expressão inventada de Bobby. Ela piscou-lhe o olho.

— Preferia ficar aqui. — Mitchell recostou-se para trás e fechou os olhos. — É mais simples.

Skandar concordava plenamente com isso. Quando inicialmente chegara à Ilha, acreditara que existiam apenas quatro elementos: fogo, água, terra e ar. Mas depois da incubação de Patife, tornara-se claro que eles estavam aliados a um quinto elemento ilegal — o elemento espírito —, precisamente como a Tear. Com muita ajuda do seu quarteto, Skandar conseguira fingir que

era um detentor da água durante a maior parte do seu 1.º ano. No entanto, a verdade acabara por ser revelada e, agora que todos — com exceção de Kenna e do Pai — sabiam que ele estava aliado ao chamado *elemento da morte*, os murmúrios seguiam-no através de todas as pontes oscilantes e até ao topo de todas as escadas. Ia demorar muito até ao Ninho da Águia confiar num detentor do espírito.

— Vamos ter selas antes de começarmos a treinar — salientou Flo.

Skandar suspirou.

— *Vocês* vão ter selas. Não sei se algum seleiro me escolherá.

— Estás sempre a dizer isso. — Flo franziu o sobrolho. — Mas o Jamie não se importou que fosses um detentor do espírito. Se o teu ferreiro não se importa, porque é que um seleiro se importaria?

— O Jamie conhece-me. É diferente.

— E ele é simpático — acrescentou Mitchell. — Disse que o meu cabelo era fixe. — Os fios flamejantes do seu cabelo brilharam mais, como que a exibir a mutação.

— Por falar na Cerimónia das Selas. — Agora, Bobby estava totalmente direita. — Ouvi um rumor de que as Selas Shekoni não escolhem um cavaleiro todos os anos. São tão famosos que só apresentam selas a cavaleiros que têm a certeza de que chegarão à Taça do Caos. — Bobby ficara emocionada só de pensar. — Flo, és *literalmente* uma Shekoni. *De certeza* que sabes alguma coisa.

Flo abanou a cabeça, com o prateado no seu afro negro a refletir à luz do Sol.

— O Pai não me conta nada. Disse que não seria justo, e acho que ele tem razão.

UM PIQUENIQUE SANGRENTO

— Justo, uma ova! És mesmo detentora da terra — resmungou Bobby, enquanto se levantava para escovar a lama da pata cinzenta de Fúria. O unicórnio espreitou de cima para a sua cavaleira, para se assegurar de que ela tirava a lama toda. — Qual é o interesse de ser amiga da filha de um seleiro se ela não conta segredos nenhuns?

Não fora apenas Bobby a atormentar Flo durante as últimas semanas, para obter informações sobre o seleiro. E como Flo não gostava de desiludir os colegas cavaleiros, começara a esconder-se na casa na árvore para os evitar. Skandar não podia culpar os Filhotes pelo seu interesse. Conseguir um bom seleiro era essencial para o sucesso de um cavaleiro, por isso estavam todos desejosos de saber se as Selas Shekoni estariam na cerimónia. Olu Shekoni era o melhor seleiro da Ilha, mas também era o seleiro da nova Comandante do Caos, Nina Kazama. Skandar ainda não conseguia acreditar que uma continental como ela tinha ganhado a Taça do Caos ou que agora era Comandante — a pessoa mais importante em toda a Ilha.

Patife levantou-se — derrubando Skandar com a asa, de forma brincalhona — e, juntando-se a Fúria do Falcão, foi ter com Rubi e Sabre junto ao rio. Começaram a jogar um jogo que parecia ser «Que unicórnio consegue matar mais peixes?». Skandar nem tinha a certeza de que os unicórnios comessem peixe, mas Patife e Rubi estavam muito divertidos a fazê-los saltar da água com os seus dentes afiados. Patife até conseguiu trespassar um peixe com a ponta do seu chifre negro. No entanto, depois de algumas rondas, Fúria congelou sorrateiramente uma zona do rio com uma rajada elemental, e tanto Rubi como Patife bateram com as mandíbulas no gelo duro.

Sabre resfolegou autoritariamente, parecendo reprovar a tolice deles, e observou com olhos tempestuosos os peixes nadarem em segurança sob a superfície vidrada.

Skandar estava contente por terem escolhido a zona da água para o piquenique. Embora o voo desde o Ninho da Águia demorasse menos de 30 minutos, o terreno era completamente diferente. Os rios e os seus afluentes corriam como veias azuis pela planície lisa, com ervas exuberantes a crescerem nas curvas. No caminho, tinham voado por cima de salgueiros arqueados, onde os residentes da zona construíam as suas casas nas árvores, e tinham avistado um ocasional barco de pesca a chiar sob as pontes aéreas que cruzavam os canais lá em baixo.

No centro da zona, Mitchell apontara para o famoso mercado flutuante, onde comerciantes de toda a Ilha montavam as suas bancas na água. Alguns clientes equilibravam-se em folhas de nenúfar de madeira para inspecionar as mercadorias, enquanto outros remavam com as suas compras ao sabor da corrente. Junto às curvas dos rios, o excesso de água formava lagos onde os insulares podiam nadar em água límpida e os animais podiam parar para beber — quando não estavam a ser perseguidos por unicórnios famintos. Aquela zona até tinha um cheiro diferente...

Skandar sentiu um vômito.

— Comeste uma das sandes da Bobby? — perguntou Mitchell solidariamente. — Já lhe disse que ninguém gosta de compota, queijo e *Marmite* como recheio, mas ela nunca dá ouvidos a ninguém, muito menos...

— Sentem este cheiro? — perguntou Skandar com urgência.

Os unicórnios começaram a guinchar audivelmente junto à água. Patife deslizou para trás para subir a margem, batendo as

UM PIQUENIQUE SANGRENTO

suas asas negras, alarmado. O medo do unicórnio disparou ao juntar-se ao medo de Skandar no vínculo. *Aqui não*, pensou. *De certeza que aqui não*.

Flo agarrou-lhe no braço.

— O que se passa, Skar?

Seguiu-se uma rajada de vento. Os olhos de Flo abriram-se em terror e, nesse momento, Skandar soube que não imaginara o perigo. Ela também o cheirava: o cheiro rançoso de pele em decomposição, de feridas em putrefação, de morte. E só poderia pertencer a uma única criatura.

— Temos de sair daqui. Se o cheiro é tão forte, deve estar próximo! — Skandar correu na direção de Patife, com a intenção de voar nele dali para fora antes que o perigo chegasse.

Na margem do rio, o pescoço do unicórnio estava húmido de suor. Ele guinchava para baixo, para algo na água, com os olhos a revirarem de preto para vermelho, ficando novamente pretos. Skandar também olhou para baixo. Os outros posicionaram-se ao lado dele.

O sangue rugia nos ouvidos de Skandar. Ao longe, ouviu o grito de Flo, a praga de Mitchell e o arquejo de Bobby.

Havia um unicórnio selvagem na água.

E estava morto.

A mente de Skandar encravou. Não podia ser real.

— Não compreendo — disse Mitchell com a voz entrecortada. Isso não era algo que ele costumasse admitir.

O sangue imortal do unicórnio selvagem rodopiava e fazia espuma na água corrente. As rochas lisas e os juncos por perto estavam cobertos de sangue, com moscas já a zumbirem em torno da grande ferida no peito do unicórnio. Skandar pensou

que o corpo devia ter sido levado rio abaixo pela corrente antes de vir repousar, por fim, naquela curva do rio.

— Está definitivamente morto? — sussurrou Flo.

Mitchell cruzou os braços e disse:

— Olha, eu não vou verificar.

Skandar e Bobby saltaram da margem baixa e patinharam na água. O cheiro a decomposição era tão avassalador que Skandar sentiu lágrimas nos olhos. Patife guinchou com preocupação acima dele, soando tão jovem como quando acabara de incubar. Skandar tentou enviar tranquilidade para o unicórnio através do vínculo, embora cada nervo do seu corpo estivesse em alerta máximo: pronto para correr pela margem acima, a qualquer sinal de movimento do unicórnio selvagem. A boca de Bobby era uma linha aguçada de determinação, quando se ajoelhou para ficar mais perto do chifre transparente do unicórnio acastanhado.

Abanou a cabeça e Skandar curvou-se para baixo junto dela, com as calças agora encharcadas em água ensanguentada. Viu um dos olhos vermelhos do unicórnio selvagem num dos lados da cabeça, agora cego. Skandar esticou uma mão e fechou suavemente a pálpebra enrugada. Algo nas pestanas espessas — tão semelhantes às do seu próprio unicórnio — o deixou impossivelmente triste. Na margem, Patife soltou um ronco de aprovação.

— Acho que este é novo — murmurou Bobby. — Não é tão nojento como alguns dos outros unicórnios que vimos nas Terras Selvagens.

— Skandar! — a voz de Mitchell ressoou sobre o correr suave do rio. — Temos de te tirar daqui! Um detentor do espírito? Um unicórnio selvagem? Não podes ser visto perto disto.

UM PIQUENIQUE SANGRENTO

Skandar piscou os olhos para ele e para Rubi, na margem.

— Os detentores do espírito não conseguem matar unicórnios selvagens.

— *Nada* consegue matar unicórnios selvagens. É suposto serem imortais e invencíveis. E no entanto, aqui estamos nós. — Mitchell passou uma mão agitada pelo seu cabelo flamejante.

— Anda, Skar. Vamos embora. — Flo já subia depressa para o dorso prateado de Sabre. — Consigo pensar em algumas pessoas que adorariam culpar-te por isto.

O rosto de Dorian Manning surgiu na mente de Skandar. No final do ano passado, o líder do Círculo Prateado fora completamente contra o regresso de um detentor do espírito ao Ninho da Águia.

Quando Skandar estava montado em segurança em Patife, lançou um último olhar ao corpo do unicórnio selvagem no rio mais abaixo, com o medo a subir-lhe pela espinha. Os unicórnios selvagens não morriam. Era suposto viverem para sempre; era suposto serem indestrutíveis. Mas se pudessem ser mortos... se existisse alguma forma... Que poder obscuro tomara a vida de um imortal que deveria viver — e morrer — para sempre?

Mãe? Skandar tentou contrariar a resposta mais óbvia. A ideia de que ela já tivesse recuperado força suficiente para matar uma criatura imortal era verdadeiramente horripilante. Ele queria acreditar que ela não era responsável, que seria preciso alguém *mais* poderoso, *mais* cruel para cometer este assassinato impossível.

Mas Skandar não conseguia pensar em ninguém pior do que a Tear.



CAPÍTULO DOIS

OS PROBLEMAS DO CANTO VERDADEIRO

No espaço de dias, o Ninho da Águia fervilhava com o mistério da morte do unicórnio selvagem. O corpo fora encontrado por uma sentinela a patrulhar, meras horas depois de o quarteto de Skandar ter abandonado a zona da água. Os instrutores tinham encorajado os jovens cavaleiros a não tirarem conclusões precipitadas sobre quem poderia ser responsável e a esperarem pelos resultados das investigações da Comandante Kazama. Mas os rumores sobre a Tear eram muitos, especialmente porque — tirando as novas Crias — todos os cavaleiros ainda estavam nas férias de verão dos treinos. Não tinham nada para se distraírem do unicórnio selvagem nem da Tear, e Skandar também reparou que os sussurros à sua volta estavam mais audíveis.

Todos sabiam que Skandar tinha enfrentado a Tear no final do seu ano como Cria, embora a maioria não soubesse pormenores. Mas desde o assassinato do unicórnio selvagem,

Skandar ouvira conversas na casa na árvore onde tomavam as refeições — a Gamela — sobre se ele poderia saber alguma coisa e se ser aliado do elemento espírito faria com que ele soubesse o que a Tear andava a tramar. Ser o único detentor do espírito no Ninho da Águia seria sempre difícil, mas ele não contara com a morte inexplicada de um unicórnio selvagem. E não parecia importar minimamente que o elemento espírito só pudesse matar unicórnios *vinculados*, e não selvagens.

— Ignora-os — aconselhara Flo a Skandar, alguns dias depois de encontrarem o unicórnio morto. — Vão esquecer-se disso não tarda nada.

— Não contaria com isso — disse Mitchell.

Flo lançou-lhe um olhar exasperado.

— O que foi? — Mitchell empurrou os óculos de volta para o topo do nariz. — Tens de admitir que é intrigante! Como é que se *mata* um monstro que não pode ser morto?

— Não é *intrigante*, é horrível! E os cavaleiros estão proibidos pelas leis da Ilha de caçar unicórnios selvagens; eles fazem tanto parte da Ilha como os cavaleiros. Estão aqui há mais tempo! Embora não sejam, bem, muito agradáveis.

Bobby troçou:

— Só tu despreverias um unicórnio selvagem como «não muito agradável», Flo. — Virou-se para Skandar, inclinando-se precariamente para trás na sua cadeira. — Porque é que a tua mãe é sempre tão dramática a fazer coisas que *ninguém* fez antes? — Contou pelos dedos. — Roubar o unicórnio mais poderoso da Taça do Caos, formar um exército de unicórnios selvagens, agora, matar um...

Mitchell agarrou na cadeira de Bobby e empurrou-a para a frente, para as pernas ficarem novamente em segurança sobre uma plataforma sólida.

— Não temos prova nenhuma de que a Tear esteja por detrás disto. Pelo menos, ainda não.

— Quem mais poderia ser? — disse Skandar de modo infeliz.

Os quatro amigos ficaram sentados em silêncio por um instante. Depois, Flo começou a falar sobre quão preocupada estava com a sua primeira reunião do Círculo Prateado. O unicórnio dela, Sabre, não tinha apenas um aspeto impressionante — com a sua pelagem que brilhava como prata derretida —, ele *era* impressionante. Os prateados eram especiais na Ilha; eram os unicórnios mais raros e mais naturalmente poderosos, e isso acarretava grande responsabilidade... e perigo. Agora que Flo passara a Prova de Treino e ia começar o ano dos Filhotes, Sabre estava a ficar ainda mais forte, e estava na hora de ela começar a ir às reuniões com os outros cavaleiros de prateados — o Círculo Prateado —, para aprender a história deles e, mais importante ainda, desenvolver técnicas para controlar a magia do seu unicórnio.

— Eu só não quero desapontá-los. Sou a primeira cavaleira de um prateado em anos! E se fizer tudo mal? E se não conseguir aprender a controlar o Sabre? E se eles não gostarem de mim?

— Não sejas ridícula, Flo — troçou Bobby. — Toda a gente gosta de ti. És a melhor pessoa do planeta, e isso é completamente cansativo.

— A sério? — disse Flo com voz baixa.

— A sério — disseram Bobby, Skandar e Mitchell em conjunto.

— Acham sinceramente que vai correr bem? Eu treinar com os prateados?

Skandar sabia que esta pergunta era sobretudo para si. Os prateados e os detentores do espírito tinham um longo historial de rivalidade, sobretudo porque os prateados eram os únicos unicórnios vinculados demasiado poderosos para os detentores do espírito, como Skandar, os matarem.

Ele tentou sorrir tranquilizadamente para Flo.

— Vais ser espetacular.

— Mas se calhar não menciones o Skandar demasiado — aconselhou Mitchell.

Enquanto Flo continuava a contar-lhes o que esperava da sua primeira reunião do Círculo Prateado, Skandar não conseguiu deixar de se sentir grato por ela ter desviado a conversa da Tear.



Agosto chegou ao fim. Na noite anterior à Cerimónia das Selas, Skandar, Bobby e Mitchell estavam na casa na árvore — maioritariamente a stressar. Mitchell estava sentado num pufe vermelho junto à estante, folheando com agressividade um livro enorme intitulado *Guia Completo das Selas* e a lançar factos aleatórios, como se achasse que haveria um teste: «É o Ninho da Águia que paga as selas... Sabiam que os seleiros fizeram greve em 1982?» Bobby murmurava táticas para si própria, em preparação para a corrida que disputariam diante dos seleiros na manhã seguinte, enquanto fazia outra das suas sandes de emergência com queijo, compota e *Marmite*. E Skandar estava sentado junto à salamandra apagada, preocupado com a Tear e com a Cerimónia das Selas, enquanto relia a última carta que recebera de Kenna — aquela que ela tinha enviado mesmo antes do solstício de verão.

SKANDAR E O CAVALEIRO FANTASMA

Olá, Skar.

Obrigada por perguntares por mim, mas sinceramente não há muito a dizer. Eu estou bem. A escola vai bem. Os amigos vão bem. O Pai está bem. O dinheiro vai bem – graças ao emprego do Pai e ao teu dinheiro de cavaleiro. Disseste na tua última carta que esperas que eu esteja feliz, mas acho que, na realidade, tu sabes a verdade. Não consigo parar de pensar em quando andei no Patife. Estou triste por não ter sido destinada a um unicórnio, Skar. Acho que estarei sempre. Estou triste por já não nos vermos – sinto muitas saudades tuas e uma vez por ano não chega, sabes? E estou triste porque, quando éramos mais novos, nunca guardávamos segredos um do outro. Sei que deves estar a esconder-me coisas agora. De certeza que tens os teus motivos, mas... Seja como for, acho que terei simplesmente de esperar para me voltar a sentir feliz algum dia. Vou ficar bem, mas vai demorar mais do que esperarei. Como está o Ninho da Águia? Como está o Patife?

Adoro-te,

Kenn

Skandar relia as palavras honestas de Kenna há semanas e ainda lhe faziam doer o estômago. Ela estava triste. Tão triste que nem sequer fingia estar bem, como fizera enquanto cresciam. Era como se tivesse ficado sem energia para se fazer

de forte. E ela percebera de algum modo que ele lhe escondera coisas. Quando Kenna viera à Ilha em junho, dissera-lhe: *Deve haver segredos; tem de haver mais*. Ele quisera tanto contar-lhe sobre o elemento espírito, sobre as suas suspeitas de que *ela* também poderia ser aliada do espírito e que poderia ter sido injustamente impedida de chegar à porta da Incubadora por causa disso. Dizer-lhe que a mãe deles estava viva. Mas... não o fizera. Receara só tornar as coisas mais difíceis para ela; agora, perguntava-se se tinha tomado a decisão errada. Ele respondera logo à sua carta devastadora, fazendo mais perguntas sobre como ela se sentia, mas Kenna não lhe enviava uma resposta há quase dois meses. As cartas demoravam sempre algumas semanas a passar pelo Gabinete de Ligação dos Cavaleiros, mas este... este era o período mais longo de sempre.

BUM!

Flo praticamente caiu pela porta da casa na árvore adentro, a sorrir de orelha a orelha. Num gesto, quase pousou e quase deixou cair quatro baldes grandes no chão.

— Surpresa!

Bobby semicerrrou os olhos para os baldes.

— Surpresa... trouxeste quase 5000 litros de leite?

Mitchell levantou os olhos do livro.

— Florence, temos um dia muito importante amanhã.

Flo marchou até ele e fechou-lhe o livro. Mitchell parecia mais ofendido do que se ela lhe tivesse dado um soco.

— Ouçam — disse Flo, olhando à sua volta, para todos eles. — Tem sido uma altura stressante, com o unicórnio morto e a Cerimónia das Selas amanhã. Acho que esta noite devíamos fazer

qualquer coisa divertida. — Ela apontou para os baldes. — Ando a planear isto há séculos — acrescentou, soando mais insegura.

— Excelente ideia — disse Skandar, avançando para ela.

Bobby pousou a sua sanduíche. Mitchell voltou a colocar o livro na prateleira e os quatro fitaram os baldes. No seu interior, havia um líquido viscoso, cada um deles com uma cor elemental diferente: vermelho, amarelo, verde ou azul.

— Isso é tinta? — perguntou Bobby.

Flo anuiu entusiasticamente.

— Não é *apenas* tinta. A minha mãe preparou-a para mim, e como ela é curandeira de unicórnios, colocou plantas elementais lá dentro, por isso tem características mágicas e eu verifiquei junto dos instrutores e eles disseram que não era contra as regras, por isso pensei que talvez pudéssemos pintar o interior da nossa casa na árvore? — Flo falou tão depressa que Skandar precisou de um minuto para compreender o que ela dissera.

Bobby foi mais rápida.

— Pintar como quisermos?

— Sim! — disse Flo sem fôlego. — Pensei que podíamos ficar cada um com uma parede e usar a nossa própria tinta elemental.

— Adoro — disse Bobby, com um tom surpreendido.

Flo passou-lhe a tinta amarela do ar. Agora que Skandar olhava de perto, parecia brilhar com eletricidade.

— Fascinante. — Mitchell pegou no balde vermelho. A tinta borbulhava como lava derretida e fumegava ligeiramente.

Bobby reivindicou a parede oposta à porta; Mitchell ficou com a parede atrás da salamandra.

— Skar — disse Flo, passando-lhe o balde azul —, lamento muito não ter conseguido arranjar tinta do espírito para ti.

A Mãe não tinha a certeza de como fazê-la e também pensei que provavelmente não seria permitido, por isso...

— Não te preocupes. — Skandar tentou soar entusiasmado.

— De qualquer forma, uma parede branca seria aborrecida.

Flo pareceu aliviada.

— Queres pintar a parede atrás da estante?

Skandar sorriu.

— Claro.

Embora ele adorasse desenhar, nunca pintara uma parede antes — não os tinham deixado decorar o apartamento em Sunset Heights. Nervosamente, molhou o pincel na matéria viscosa elemental azul. Salpicava como água e também tinha um cheiro um pouco salgado, e isso deu uma ideia a Skandar. Começou a pintar o mar em ondas serpenteantes. A cor azul brilhava como o sol na água, e algumas pinceladas até vinham com escamas reluzentes de peixes cor de safira. Quando Skandar se inclinou na sua direção, conseguiu ouvir o bater das ondas numa costa distante, como se segurasse uma concha junto ao ouvido.

Afastando-se para contemplar o resultado final, Skandar apercebeu-se com um sobressalto de que pintara a vista da praia de Margate. Ele e Kenna tinham passado horas naquela curva de areia, a ansiar por um futuro diferente. A ansiar por unicórnios. Ele sentia muita falta dela. Mas ao olhar para a vista de mar pintada, quase conseguia fingir que ela estava ao seu lado.

Os outros também já tinham terminado. A parede amarela de Bobby era uma animação faiscante e descarada de relâmpagos cortantes, rajadas de tornados descontrolados e espirais elementais. Tudo tinha movimento e, de pé junto à parede, Skandar quase conseguia sentir o vento a passar depressa pelo seu cabelo.

A parede de Mitchell fora elaborada com muito mais cuidado. Ele cobrira-a com intrincadas chamas pintadas, a tinta vermelha a estalar e a fumar, imitando o fogo verdadeiro na salamandra abaixo dela. E a parede de Flo, na entrada da casa na árvore, era uma selva de plantas verdes entrelaçadas — árvores e flores a crescerem por cima e por baixo umas das outras —, e a tinta elemental cheirava a terra fresca, com uma textura áspera e veios como as folhas.

O quarteto arrastou os quatro pufes para o meio da casa na árvore e sentou-se para admirar a sua obra.

— Isto foi *mesmo* boa ideia — suspirou Skandar, com um sorriso tolo no rosto.

— Sim. — Mitchell bocejou. — Distraiu-me completamente de...

— Então, selas. — Bobby virou-se para Flo. — Agora *tens* de saber se as Selas Shekoni vão apresentar-se. A cerimónia é amanhã!

— Eu não sei de nada — disse Flo, rabugenta. — Só sei é que, se o Pai *se* apresentar, não me escolherá a mim; isso certamente não seria justo. E era suposto estarmos a relaxar, lembram-se?

— Roberta — disse Mitchell —, mesmo que as Selas Shekoni vão, não há nenhuma garantia de que o pai da Flo te vá escolher.

Bobby pareceu ofendida.

— Vai sim! Eu venci a Prova de Treino!

A boca de Skandar contorceu-se quando captou o olhar de Mitchell.

— Tão humilde, não é?

— Se houver uma sela Shekoni, terá o meu nome. Sou uma detentora do ar e uma continental, como a Nina, e vou vencer

a corrida da cerimónia porque sou a melhor. — Bobby alisou as penas cinzentas em volta do pulso. — Faz todo o sentido.

— O tamanho do teu ego é verdadeiramente espantoso. — A incredulidade de Mitchell era genuína.

— Obrigada! — Bobby levantou-se e caminhou em direção à parede azul de Skandar.

Ele seguiu-a, sentindo-se estranhamente protetor da parede.

— O que...

Bobby tirou um pedaço de giz branco do bolso. Partiu-o e deu metade a Skandar. Ela examinou as cristas das ondas e depois parou para desenhar algo onde deveria existir espuma branca. Skandar ficou irritado, até se aperceber do que ela estava a fazer.

Bobby desenhara os quatro círculos brancos entrelaçados: o símbolo do elemento espírito.

— Bem, não és realmente um detentor da água, pois não? — Ela piscou-lhe o olho.

O coração de Skandar inchou quando pegou no seu próprio giz e desenhou outro símbolo onde deveria existir a espuma de uma onda. Mitchell e Flo aproximaram-se, e Bobby passou-lhes o giz e, pouco depois, as ondas pareciam espumosas com símbolos brancos do espírito.

Quando terminaram, Skandar fez uma inspiração profunda.

— Obrigado por, sabem, estarem no meu quarteto e...

— OK, já chega de pieguices — anunciou Bobby, pegando no seu pincel.

— O que estás a fazer? — perguntou Mitchell. — Terminámos as paredes, não...

Ela sacudiu tinta amarela em cheio para a cara dele.

— Isso foi por me chamares «Roberta» há pouco!

— Pronto, já chega! — Mitchell pegou no seu pincel e atirou-lhe tinta de fogo.

— Parem! Parem! — disse Flo, mas estava meio a rir-se.

Skandar sorriu e pegou no seu próprio balde, sacudindo tinta azul para Flo.

— Ei! — Ela retaliou com verde e, pouco depois, estavam todos a tentar esquivar-se de gotas voadoras de tinta, perseguindo-se à volta do tronco central da casa na árvore.

Em dez minutos, os quatro amigos e o tronco da árvore ficaram cobertos com uma mistura de salpicos elementais. Skandar conseguia sentir a efervescência da tinta do ar, cheirar a frescura da terra, ouvir o estalido do fogo, sentir o gosto a sal da água. Deixaram-se cair nos pufes em ataques de riso, admirando a sua pele salpicada e fitando o tronco.

Por fim, Flo perguntou:

— Acham que devíamos limpá-lo?

Skandar levantou-se e fez rapidamente pontos de giz branco entre as outras cores no tronco.

— Não — disse ele, sorrindo. — Acho que devíamos deixar assim.



Na manhã da Cerimónia das Selas, a floresta do Ninho da Águia estava banhada pela luz cintilante da manhã e o aroma a pinheiro era forte e fresco. O labirinto de pontes suspensas balançava suavemente; as casas nas árvores dos cavaleiros estavam pacificamente aninhadas entre as copas frondosas. Raios de luz solar atingiam as árvores revestidas de armaduras, e toda a escola de treino brilhava de forma tão bela que seria natural que Skandar estivesse animado. Mas, em vez disso, saíra do

pequeno-almoço mais cedo para ir ao estábulo de Patife, incapaz de suportar o zumbido de conversas na Gamela.

Ele costumava gostar de comer nas mesas empoleiradas em plataformas aninhadas em árvores, especialmente tendo em conta a oferta generosa da sua comida preferida: maionese. Mas, hoje, as conversas sobre a Tear tinham-no incomodado mais do que nunca. Seria responsável pelo assassinato do unicórnio selvagem? Como é que o fizera? Porque é que o fizera? O que faria a seguir?

O que faria a seguir? Acima de tudo, era isto que assombrava Skandar.

Mas, hoje, não podia pensar em nada disso. Tinha de se concentrar na corrida perante os seleiros, em vez de se preocupar com a sua mãe a matar unicórnios selvagens. A corrida era a última oportunidade que os cavaleiros e os unicórnios tinham para impressionar os seleiros, antes de estes tomarem a sua decisão final.

Skandar berrou. Patife acabara de lhe dar um choque com o elemento ar, porque ele parara a meio da escovagem.

— Isso era necessário? — Skandar levantou as sobrancelhas para o unicórnio, com o braço ainda a picar.

Patife mostrou os dentes a Skandar, numa imitação de um sorriso pateta. A maioria das pessoas fugiria a sete pés dos dentes de um unicórnio sedento de sangue, mas Skandar sabia distinguir a expressão «vou morder-te» da que dizia «estou a fazer disparates para te animar».

Alegria reverberou pelo vínculo entre os seus dois corações, como riso. O vínculo entre cavaleiro e unicórnio era o que distinguia Patife do unicórnio selvagem que a corrente do rio arrastara. Ligava as suas vidas — um unicórnio vinculado não

conseguia sobreviver à morte do seu cavaleiro. E também os unia emocionalmente: à medida que a relação se tornava mais forte, os sentimentos de ambos podiam passar pelo vínculo. Patife sabia sempre quando Skandar estava triste e fazia de tudo para que ele se sentisse melhor.

— Queres uma sela ou vais esconder-te aqui o dia todo? — Bobby e Fúria do Falcão puseram as cabeças sobre a porta do estábulo de Patife.

— Vou esconder-me aqui o dia todo — murmurou Skandar, remexendo na manga do seu casaco amarelo, ao qual fora cosido um segundo par de asas para mostrar que agora era um Filhote. Todo ele era nervos e excitação. Esta seria a primeira corrida de sempre em que poderia usar abertamente o seu próprio elemento.

— Vamos, rapaz do espírito — insistiu Bobby.

Enquanto caminhavam lado a lado em direção ao planalto dos Filhotes, Skandar reparou que a crina cinzenta de Fúria estava entrançada numa linha de pequenos cachos redondos, que ainda se viam ao longo do seu pescoço revestido pela armadura.

— Bobby, mas que...

— Nem vás por aí. Estou a pé desde as seis a pentear aquilo.

Bobby era provavelmente a última pessoa que se esperaria que acordasse cedo para deixar bonito o seu unicórnio sedento de sangue, mas Fúria importava-se de facto com a sua aparência — a tal ponto, que lutava mais ferozmente quando se sentia bonita. Como Bobby gostava de dizer: mimar ganha prémios.

Jamie, o ferreiro que fizera a armadura de Patife, avançou apressadamente para Skandar assim que ele chegou ao planalto. Não parou de falar o tempo todo, enquanto seguiam Bobby para a confusão de unicórnios, cavaleiros e espectadores.

— *OK*, aquilo de que te debes lembrar é que o motivo por que todos vão correr hoje se deve aos seleiros indecisos.

Skandar franziu o sobrolho para Jamie, através das aberturas para os olhos no seu elmo.

— Indecisos?

— Sim, sim — disse Jamie com impaciência. — Alguns seleiros terão decidido na Prova de Treino que cavaleiro querem, mas outros terão uma pré-seleção de três, às vezes mais. Terão feito várias selas para se prepararem. Alguns cavaleiros recebem mais do que uma sela e têm de escolher qual delas preferem. Pode tornar-se muito competitivo.

— Não sei bem se terei esse problema — murmurou Skandar, enquanto avançavam para o recinto de treino.

Os seleiros conversavam e chamavam-se uns aos outros à medida que descarregavam caixas e montavam estruturas para tendas pontiagudas, antes de as cobrirem com lonas coloridas que se agitavam com a brisa. As cores das tendas — de cor-de-rosa-framboesa até índigo intenso — condiziam com as faixas individuais que os seleiros traziam sobre o peito, com os nomes gravados em letras brilhantes: HENNING-DOVE, MARTINA, REEVE, NIMROE, TAITING, BHADRESHA, GOMEZ, HOLDER... Muitos dos seleiros pararam para olhar quando Patife passou por eles, sussurrando atrás das mãos.

Jamie ignorou-os e continuou a dar conselhos a Skandar.

— Uma sela Shekoni seria obviamente a melhor, mas com toda a coisa do detentor do espírito acho que poderão não concorrer. Sempre admirei as selas Martina. Oh, uma Reeve podia ser boa, ou uma Bhadresha...

— Jamie, eu...

— Embora tenha havido um grande escândalo sobre o cabeçal deles ser inflamável, por isso talvez seja de evitar para um detentor do fogo, mas tu não és, por isso...

— JAMIE! — gritou praticamente Skandar.

O ferreiro parou e olhou para cima, para Skandar no dorso de Patife.

— O que acontece se nenhum seleiro me escolher?

— Isso não vai acontecer. Acho que isso *nunca* aconteceu.

— Mas imaginemos que acontece...

— Acho que não *aconteceria* nada exatamente — refletiu Jamie.

— Tornaria as coisas muito mais difíceis para ti, suponho. Darias nas vistas, embora já o faças com toda a mutação de *esqueleto* e o unicórnio com uma marca do espírito na cabeça.

— Obrigado — disse Skandar com sarcasmo.

— Mas este ano vais aprender a competir em justas. Isto significa basicamente que tentas derrubar cavaleiros dos seus unicórnios com armas elementais. Uma sela ajudaria *muito* a manteres-te sentado. Sem uma, não sei se te aguentarias no torneio no final do ano.

— Que torn... — tentou perguntar Skandar, mas Jamie continuou.

— E mesmo que conseguisses chegar ao fim, um seleiro é um aliado do cavaleiro no mundo para lá do Ninho da Águia. Eles têm contactos com curandeiros, abastecedores de comida para unicórnios, patrocinadores; alguns dos melhores seleiros até têm um lugar no comité que supervisiona as Provas de Qualificação para a Taça do Caos.

— Então, estás basicamente a dizer que eu *preciso* que um seleiro nos escolha.

A expressão de Jamie era séria.

— Sei que estás preocupado com a tua reputação, Skandar, mas os seleiros são competitivos. Eles importam-se mais que os seus cavaleiros sejam os melhores do que com o facto de poderem ter ajudado a matar um monstro imortal.

— Diz-me que não é isso que as pessoas pensam!

Jamie pôs uma mão para cima para o calar; Patife farejou-a, com fumo a enrolar-se à volta das narinas.

— Nada disso importa se hoje conseguires ser o melhor, percebes? Tu voas depressa, e agora que podes usar o elemento espírito, até poderás ter uma hipótese de ganhar a corrida e depois... — Jamie ergueu uma sobrancelha.

— E depois um seleiro poderá querer-me de qualquer modo, ainda que seja um detentor do espírito.

— Exata... Ei! Cuidado!

Cerca de 30 pessoas passaram aos encontrões por Jamie, em direção a uma plataforma de madeira à esquerda da barra da partida. Ao contrário dos cavaleiros — que usavam casacos amarelos da estação do ar —, todos neste grupo estavam vestidos com cores diferentes. Patife resfolegou faíscas, observando-os formarem um semicírculo em cima da plataforma, como se estivessem prestes a atuar. A plataforma estava colocada em cima de um ninho de trepadeiras verdes, que cresciam para cima e cruzavam o topo para criar uma abóbada florida. Um homem e uma mulher acenaram na direção de Jamie. Ele fez uma careta.

— Quem são eles? — perguntou Skandar.

— Os meus pais — disse Jamie com desconforto. Jamie e os pais não estavam propriamente a entender-se às mil maravilhas

desde que ele decidira tornar-se ferreiro em vez de bardo, como o resto da família. Ainda tentavam convencê-lo a tornar-se cantor sempre que tinham oportunidade.

— Os bardos estão prontos para começar? — perguntou Mitchell do dorso de Rubi; Flo e Sabre e Bobby e Fúria estavam de cada um dos lados deles.

— Sim — balbuciou Jamie.

— É verdade que eles compõem uma nova canção para a Cerimónia das Selas todos os anos? — perguntou Flo de maneira entusiástica.

— Sim — disse Jamie de novo, parecendo que queria que o chão o engolisse.

Bobby não estava minimamente interessada nos bardos. Tinha os olhos postos nas tendas dos seleiros.

— Acho que o Pai não vem — disse Flo na direção de Bobby, com a voz quase inaudível sobre a excitação quer das pessoas quer dos unicórnios, enquanto Filhotes, seleiros, instrutores e espectadores se reuniam todos em frente do palco. — Não vejo a tenda cor de laranja dele em lado nenhum.

— Talvez só esteja atrasado — ripostou Bobby.

— Se as Selas Shekoni não estão aqui, então o melhor seleiro provavelmente é...

Mitchell foi interrompido por uma explosão de canto dos bardos. A parede de som banhou a multidão reunida e até os unicórnios ficaram silenciosos, a ouvir as melodias encadeadas. As notas precipitavam-se, mergulhavam e subiam de novo, entrelaçando-se umas nas outras com leveza. Era a música mais bela que Skandar alguma vez tinha ouvido. De algum modo, a subida e a descida das notas captava na perfeição

o modo como ele se sentia quando ele e Patife voavam juntos: a emoção forte, a alegria e a diversão pura. Os bardos oscilavam, sustentando-se nas suas harmonias, os rostos cativados pela mesma felicidade espelhada em cada rosto na multidão. As notas começaram a subir para um crescendo, até às alturas mais elevadas, quando...

Houve um sobressalto na música.

Estava a acontecer algo no palco. As notas estouravam e desapareciam como balões rebentados. Apenas alguns bardos ainda cantavam; os outros tinham-se virado, distraídos por um homem idoso que estava a ser guiado até à frente do palco. Os olhos de Skandar arregalaram-se quando vapor saiu das orelhas do homem, padrões flamejantes zumbiram sobre a sua cabeça, o ar de cada lado dos seus braços brilhou com relâmpagos, o palco tremeu sob os seus pés.

— O que está a acontecer? — sussurraram em uníssono Bobby e Skandar.

— Canto verdadeiro. — Os olhos de Jamie estavam fixos no velho bardo.

— A sério? *A sério?* — Flo parecia radiante. — Nunca ouvi um antes!

— Mas o que *é* um canto verdadeiro? — silvou Skandar.

— Chiu! — Pessoas dos dois lados do grupo mandaram-nos calar.

Todos os bardos já tinham parado de cantar. A multidão conteve a respiração em silêncio, observando o velho homem curvar o tronco para baixo, na pontinha do palco. E depois, com os elementos a dançarem à sua volta, o bardo endireitou-se e começou a cantar:

SKANDAR E O CAVALEIRO FANTASMA

*Esta Ilha pertence aos imortais;
Desde o incubar dos tempos que é assim.
Os imortais pertencem a esta Ilha,
E para um crime terrível vos alerto por fim:*

*Tirem a vida de um que morre para sempre,
E a Ilha a sua vingança terá.
Vertam o sangue do aliado dos elementos,
E a união dos cinco o vingará.*

*Resta uma esperança para nós, mortais,
Para a morte de um imortal ser expiada:
Vencer a luta pela última dádiva do Primeiro Cavaleiro,
Com o último suspiro da Rainha moldada.*

*Só assim os trovões guardarão silêncio,
Só assim os terremotos cessarão.
Só assim baixarão as enchentes,
E as chamas dos fogos se extinguirão.*

*Contudo, outro poder cresce nesta Ilha:
Do amigo negro do espírito é o sucessor verdadeiro.
E a tempestade que trará quando se erguer,
A tudo o que conhecem porá um fim derradeiro.*

*Esta Ilha pertence aos imortais;
Assim é desde que o Ninho da Águia viu o primeiro amanhecer.
Os imortais pertencem a esta Ilha,
Por isso deixem-nos para todo o sempre viver.*

O bardo terminou de cantar, fez uma respiração horrorizada e caiu para o lado, exausto. Ouviu-se um aplauso superficial, mas a maioria das pessoas murmurava entre si em tons preocupados. Outras anotaram as palavras do canto e mostravam-nas aos amigos.

— Vingança? — alguém disse por perto. — Como é que a Ilha pode obter *vingança*?

— *Resta uma esperança*, disse ele. Mas há muito que o Primeiro Cavaleiro se foi, ou não?

— Ouviste a parte sobre os fogos? Terramotos?

— Ele cantou algo sobre o elemento espírito?

— Porque é que estão todos a olhar para o Skandar, e não para o velhote que fez fogo de artifício dançar à volta da sua cabeça? — perguntou Bobby.

— O que *são* cantos verdadeiros? — perguntou Skandar de novo, embora desta vez estivesse preocupado com a resposta.

Mitchell fungou.

— Bosta flamejante de unicórnio é o que são os cantos verdadeiros.

— Não sejas mal-educado, Mitchell — disse Flo baixinho. Virou-se para Skandar. — Os bardos estão sempre a cantar, mas apenas um canto em toda a sua vida será o seu canto verdadeiro.

— Não percebo — anunciou Bobby.

Desta vez, foi Jamie quem respondeu. Parecia preocupado.

— As palavras do canto verdadeiro de um bardo dizem-nos coisas sobre o passado, presente ou futuro que são verdadeiras; totalmente verdadeiras.

— É discutível — murmurou Mitchell.

Bobby franziu o nariz.

— Como videntes que cantam?

— Sem surpresa, parece que há pessoas que também acreditam neste disparate no Continente — disse Mitchell. Jamie olhou para ele rispidamente, e o cabelo de Mitchell cintilou de culpa como resposta.

Skandar engoliu quando sentiu os olhos da multidão sobre si. Era evidente que tinham acreditado no canto, mas o que é que dizia? Só se lembrava de fragmentos. Em voz alta, perguntou:

— Dizia qualquer coisa sobre o espírito, não dizia? Sobre vingança?

— Não podes pensar nisso agora — respondeu Jamie depressa, embora Skandar tivesse apanhado o olhar preocupado que ele trocara com Flo. — Tens de chegar à barra da partida para a corrida. — Bobby e Fúria já tinham começado a dirigir-se para os outros Filhotes.

— Os insulares levam os cantos verdadeiros demasiado a sério — zombou Mitchell.

Mas Skandar estava a começar a entrar em pânico, e acompanhou o passo de Fúria.

— Bobby, ouviste aquele canto? Eu não compreendo...

— Skandar, não é a melhor altura. Tenho uma corrida para ganhar. — Fúria cuspiu granizo para Patife, que espirrou como retaliação.

— Por favor.

Skandar viu Bobby revirar os olhos através das aberturas no seu elmo.

— Eu não *percebi* propriamente nada, mas dizia definitivamente que matar unicórnios selvagens era má ideia, blá-blá-blá, depois que a vingança estava próxima, pim-pam-pum, algo sobre

a dádiva do Primeiro Cavaleiro, cha-cha-chá, e algo que ver com o amigo negro do espírito.

— *Amigo negro do espírito?* O que significa isso?

— Skandar, a barra! — gritou Bobby de repente, quando Patife se aproximou da barra de metal que se elevaria para o início da corrida.

Skandar desviou-se para a massa fumegante e faiscante de unicórnios que explodiam qualquer elemento que lhes apetecesse e que abriam caminho para obter uma boa posição. Estavam ali todos os Filhotes, não apenas os do grupo de treino das Crias de Skandar. A crina de Patife congelou e depois derreteu de excitação, ensopando as mãos e os joelhos de Skandar.

Identificou Alastair a cavalgar Caçadora do Crepúsculo para cima e para baixo da linha de unicórnios. Ele estava a falar com duas cavaleiras que Skandar não conhecia muito bem — Naomi e Divya — e a apontar para Skandar.

Não penses no canto. Não penses no unicórnio selvagem. Não penses na Tear. Só tens de correr, disse Skandar a si próprio. Sabre e Rubi encaixaram-se de cada um dos lados de Fúria e Patife junto à barra. A armadura cor de ferrugem de Rubi raspou na cota de malha negra de Patife. O ar estava tão carregado de resíduos elementais rodopiantes dos unicórnios excitados, que o pum flamejante de cumprimento de Rubi se perdeu por completo na mistura forte da magia.

— O que está a tramar o Alastair? — gritou Mitchell. Skandar não se surpreendera que Mitchell tivesse notado: ele fora alvo de *bullying* do Alastair e dos amigos mesmo antes de chegar ao Ninho da Águia.

Skandar encolheu os ombros, convencido de que não seria nada de bom.

A instrutora O'Sullivan conduzia o seu unicórnio, Ave Celeste do Mar, ao longo da barra da partida com a instrutora Saylor, montada em Pesadelo da Nortada. Skandar ouvira a instrutora O'Sullivan murmurar para a instrutora do ar:

— Sinceramente, esta cerimónia fica mais elaborada de ano para ano. E agora um canto verdadeiro?

— Eu acho encantador. — A instrutora Saylor sorriu afetuosamente para os seus Filhotes, com os caracóis cor de mel a flutuarem com a brisa. — Lembra-me de quando ganhei a minha própria sela.

— Aquele canto verdadeiro não me pareceu «encantador». Parecia um aviso. — Os olhos de remoinhos rodopiantes da instrutora O'Sullivan pousaram sobre Skandar, que estivera a ouvir a conversa delas. Ela desviou-se de uma explosão de fogo do unicórnio de Sarika, Enigma do Equador, e levou Ave do Mar até ele. — Pareces preocupado — disse bruscamente. — Explica-te.

— Hum, não. Eu estou bem — mentiu Skandar.

— Onde está o teu *pin* do espírito? — perguntou ela, com o tom tão aguçado como o seu cabelo cinzento espetado.

Skandar levou a mão ao bolso do casaco. Tirou o *pin* dourado com os seus quatro círculos entrelaçados e segurou-o para a instrutora O'Sullivan ver.

— Não sei se devia usá-lo hoje — murmurou Skandar, pensando nos resmungos dos seleiros.

— Que disparate — vociferou a instrutora O'Sullivan. — Posso ter deixado que sejas um detentor da água honorário, mas aqui és um detentor do espírito. — Ela tocou com a mão no

coração. No seu vínculo. — Mostra aos seleiros que tens orgulho do teu elemento.

Patife guinchou e a luz do Sol da manhã incidiu sobre a marca branca brilhante que atravessava o centro da sua cabeça negra.

A instrutora O'Sullivan abriu um sorriso para o unicórnio.

— Mostra-lhes que não tens vergonha. O Destino do Patife certamente não tem. E se pusesse essa manga para cima, já agora? A tua mutação é de facto impressionante. — Ela ergueu uma sobancelha, à espera.

Skandar não se atreveu a discutir com a instrutora O'Sullivan, por isso puxou a manga do seu casaco amarelo para cima, expondo a pele branca translúcida da sua mutação do espírito. Os tendões e os ossos mostravam-se através do braço como um esqueleto ao sol, do interior do cotovelo até ao pulso.

Skandar não conseguia decidir se as palavras da instrutora tinham feito com que se sentisse melhor ou pior, enquanto a observava galopar em Ave do Mar para longe da barra da partida.

— Ao meu terceiro apito, a barra vai subir — disse ela.

Meiyi e Adorada da Roseira Brava atiraram Gabriel e Joia da Rainha para o lado, alguns unicórnios atrás. Depois, a rajada de fogo de Roseira Brava forçou Niamh e Nadadora da Neve, além de Zac e Alma do Passado, a saírem da fila, para que Kobi e Príncipe do Gelo e Alastair e Caçadora do Crepúsculo pudessem tomar os lugares deles. Skandar não conseguiu deixar de reparar que faltava o quarto membro do Quarteto Abominável. Amber e Salteadora de Vendavais estavam mais atrás na linha de unicórnios.

— Deverá ser uma corrida fácil para ti, detentor do espírito!
— gritou Meiyi.

Alastair e Kobi riram-se ruidosamente e Skandar tentou ignorá-los.

Primeiro apito. Patife cortava o ar de um lado para o outro com o seu chifre negro e brilhante, os olhos a revirarem de vermelho para preto e novamente para vermelho. A atmosfera junto à barra da partida estava repleta de energia, músculos de unicórnios contidos, chifres a produzir faíscas.

Segundo apito. Skandar mergulhou as mãos na crina negra de Patife, pronto para disparar. Não podia deixar de pensar no que a instrutora O’Sullivan acabara de lhe dizer:

Mostra aos seleiros que tens orgulho do teu elemento.

Terceiro apito.

Mostra-lhes que não tens vergonha.



CAPÍTULO TRÊS

A CERIMÓNIA DAS SELAS

A barra da partida chiou e bateu com um estrondo quando subiu para dar início à corrida. Como se soubesse que esta era a sua hipótese de mostrar aos seleiros quão rápido podia ser, Patife disparou em menos de duas passadas, com as articulações das asas a explodirem para fora, à frente dos joelhos de Skandar. A relva do planalto saiu da sua visão com um solavanco e o vento fresco fazia-o lacrimejar. Foram os primeiros no ar. E estavam na dianteira.

Um lampejo. Um estrondo. Um grito.

Skandar olhou por cima do ombro para ver Mabel e Lamúria do Mar fazerem uma aterragem forçada lá em baixo. A seguir, através do fumo da batalha aérea, um unicórnio castanho avançou para Patife, com o estalido de uma mutação em estrela na testa da cavaleira.

Amber e Salteadora de Vendavais vinham atrás deles, tal como acontecera na Prova de Treino. Mas desta vez, Skandar não iria perder.

Evocou o elemento espírito através do vínculo para a sua palma direita — a palma da mão marcada pela ferida que o chifre de Patife lhe provocara na Incubadora há mais de um ano. A magia do espírito encheu a sua mão, que brilhou com uma cor branca quando Salteadora embateu no ombro direito de Patife. O vínculo amarelo de Amber brilhava intensamente entre o seu coração e o de Salteadora — algo que apenas um detentor do espírito como Skandar conseguia ver. Depois, a palma da mão dela brilhou em azul para um ataque de água e bloqueou o caminho de Patife.

Os unicórnios negro e castanho enfrentaram-se no meio do ar, enquanto outras batalhas eram travadas ferozmente atrás deles e em volta da colina do Ninho da Águia. Salteadora empinou-se, dando patadas no céu com os seus cascos faiscantes, os dentes cerrados, tal como a sua cavaleira. Patife guinchou para o seu adversário, com as pontas negras das asas a iluminarem-se de branco à medida que batiam junto aos flancos.

Mostra-lhes que não tens vergonha.

O aroma a canela e vinagre preencheu as narinas de Skandar — o cheiro que o elemento espírito tinha sempre para si —, mas ele forçou o elemento ar para o vínculo ao lado do espírito, até à sua palma brilhar em amarelo. Ao mesmo tempo, o ataque de água de Amber esguichou da palma da sua mão como uma fonte aparatosa e Salteadora disparou líquido do seu chifre. Litros de água espumaram e giraram na direção de Skandar através do céu, com força suficiente para o derrubar sem esforço do dorso nu de Patife.

Mostra-lhes.

Quando a água se despenhou sobre eles e o elemento ar encheu o seu vínculo, Patife começou a mudar da maneira que apenas um unicórnio do espírito conseguiria.

A CERIMÓNIA DAS SELAS

Primeiro, a sua crina e, depois, a sua cauda começaram a estalar com eletricidade até serem o próprio relâmpago, a cor negra escorrendo como tinta. Então, o estômago, os quartos traseiros e o pescoço do unicórnio tornaram-se magia pura, até Patife ficar a crepitar com energia bruta. Era como navegar uma tempestade elétrica, com o elemento espírito a permitir que Patife se *tornasse* o próprio elemento ar. O unicórnio negro guinchou em triunfo, e era impossível dizer onde terminava a sua mandíbula e começava o relâmpago.

Skandar tivera tanto medo da primeira vez que todo o corpo de Patife se transformara num fogo, que não tentara nenhum ataque. Mas agora ele podia evocar o elemento espírito — e queria lutar. Queria vencer. Por isso, enviou um relâmpago da palma da mão direita para o jato de água de Amber. Quase simultaneamente, todo o corpo de Patife vibrou e cargas elétricas explodiram do esqueleto faiscante do unicórnio, colidindo com a água que vinha da mão de Amber e do chifre de Salteadora.

— Muito bem, rapaz! — gritou Skandar.

Amber gritou e Salteadora rugiu quando a corrente elétrica atingiu com um choque a cavaleira e o unicórnio. Mas, em vez de ripostar, Amber e Salteadora voaram em flecha para o chão.

— Cobarde! — gritou Skandar para ela.

Mas depois reparou nos outros.

Um a um, os Filhotes abandonavam o céu. Abandonavam por completo a corrida. Patife estava a retomar lentamente a sua cor negra habitual, mas Skandar quase não notou enquanto observava Kobi interromper a sua batalha aérea contra Flo a meio de um ataque de gelo, com Sabre a guinchar de confusão quando

Príncipe do Gelo aterrou. Sarika e Mitchell travavam uma batalha de fogo feroz, o céu a arder entre eles, mas de repente Enigma do Equador desistiu. Skandar viu Niamh e Nadadora da Neve desviarem-se de Bobby e Fúria e juntarem-se ao resto do quarteto dela — Farooq e Tomilho Tóxico, Art e Inferno Furioso, Benji e Murmúrio Amaldiçoado — no chão.

Agora, à frente de Skandar, o céu estava completamente livre. De fumo, de resíduos elementais, de unicórnios. De todos, tirando os três cavaleiros que compunham o quarteto de Skandar.

Patife juntou-se a Sabre, Fúria e Rubi enquanto voavam em direção à linha da meta, deixando os outros Filhotes no planalto lá em baixo.

— O que se passa? — gritou Bobby sobre as batidas das asas dos unicórnios. — Porque é que eles não estão a competir? — Fúria guinchou em unísono com a raiva da sua cavaleira, enquanto desciam na direção dos seleiros.

— Serão todos desclassificados — disse Mitchell, com cinza espalhada pelo rosto. — Se um cavaleiro aterrar antes da meta, é desclassificado automaticamente.

Quando o quarteto aterrou e atravessou a meta em conjunto, fez-se um silêncio de choque. Não houve aplausos dos seleiros. Não houve parabéns dos instrutores, que se limitavam a fitar o resto dos Filhotes espalhados pela pista.

No entanto, o silêncio não durou muito. Ao mesmo tempo que os outros cavaleiros trotavam para a linha da meta e para as tendas dos seleiros, os quatro instrutores começaram a gritar com os detentores dos seus próprios elementos, exigindo saber porque é que tinham abandonado uma corrida tão importante. Os seleiros também ergueram as suas vozes em frustração,

A CERIMÓNIA DAS SELAS

queixando-se de que a última hipótese de se decidirem em relação aos Filhotes fora arruinada.

— É embaraçoso, é o que é! — dizia o instrutor Anderson a Meiyi, com as chamas à volta das orelhas a aumentarem. — Qual foi a vossa ideia? Os seleiros estão aqui para vos ver correr, não cair do céu! Estou muito tentado a declarar-vos nómadas a todos e a expulsar-vos imediatamente do Ninho da Águia!

Meiyi olhou de relance para Skandar e respondeu de modo audível:

— Nenhum de nós se sentiu confortável em correr quando viu o Skandar usar o seu elemento. Especialmente depois do que o canto verdadeiro disse: *amigo negro do espírito*? Quer dizer, não podia ser mais claro: o Skandar é um detentor do espírito.

Skandar não podia acreditar no que ouvia. Então, isto fora planeado? Lembrou-se da provocação de Meiyi no início da corrida, de Alastair circular pela linha de cavaleiros. Tinham convencido os outros Filhotes de que ele era perigoso? Skandar sentiu toda a sua vergonha a inundá-lo de novo. A vergonha que acompanhava o facto de tentar — e não conseguir — integrar-se.

Skandar estava corado e lutava contra as lágrimas, quando Kobi disse:

— Não sabemos do que o Skandar é capaz. E se foi *ele* quem matou aquele unicórnio selvagem, instrutora O'Sullivan? E se ele não estiver contra a Tear, como disse, mas de conluio com ela? E se for essa a vingança de que o canto verdadeiro falou? E se ele resolver que quer os unicórnios dos Filhotes a seguir?

Flo saltou em defesa de Skandar.

— O Skandar não está a matar unicórnios selvagens! — gritou ela.

Ao mesmo tempo, Mitchell gritou:

— Essa *não é* uma interpretação justificável do canto verdadeiro.

— Estou muito desiludida contigo — disse a instrutora O’Sullivan para Kobi, virando-se. Soprou o apito várias vezes. — Não há tempo de corrermos de novo. — A instrutora parecia enervada. — Estou certa de que a maioria dos seleiros já tinha escolhido os seus cavaleiros antes de hoje, portanto... Suponho que, suponho que tenhamos de avançar para a cerimónia agora. Alinhem-se em frente das tendas, por favor! — Ela soprou novamente o apito para jogar pelo seguro, como se isso pudesse tornar as coisas menos constrangedoras.

Muitos dos Filhotes continuavam a resmungar, embora Skandar não conseguisse ouvir o que diziam, pois mantinham-se a uma enorme distância do seu quarteto. Ele tentou fazer uma inspiração profunda e calmante.

Bobby, por sua vez, não estava a fazer nenhuma inspiração profunda e calmante.

— Não acredito nisto! — gritou ela, enquanto desmontava e punha Fúria em linha. — Não nos ver correr como deve ser poderá afetar as escolhas dos seleiros.

— Tu ganhaste a Prova de Treino o ano passado, Bobby — retorquiu Mitchell, também com os nervos em franja. — Acho que ficas bem.

— Mas as Selas Shekoni não estão aqui! — continuou Bobby, enraivecida. — E são essas que quero. Quero ter a mesma sela que a Comandante Kazama!

— Há muitos outros bons seleiros aqui — disse Flo, tentando tranquilizá-la.

A CERIMÓNIA DAS SELAS

— Lamento, Bobby. A culpa é toda minha — murmurou Skandar.

— Não sejas estúpido — respondeu ela bruscamente. — Não tens culpa de ser um detentor do espírito. Não tens culpa de que um velho bardo tenha decidido cantar uma profecia mesmo antes da corrida. Não tens culpa de ser um íman de confusão de todas... — Bobby foi distraída do seu discurso, quando os seleiros enrolaram a parte da frente das tendas com um floreado para revelar as suas preciosas criações.

Todas as selas tinham a mesma forma básica — duas abas de couro para colocar de cada lado da coluna do unicórnio, um assento curvado atrás para apoiar o cavaleiro e um arção elevado à frente para o cavaleiro se segurar —, mas cada uma tinha a sua própria personalidade. Algumas eram volumosas e afirmavam-se com correias pesadas em cores elementais a adornarem as pontas, enquanto outras eram elegantes e simples, com bordados em vez de decorações metálicas. Os Filhotes fitavam sedentos as criações dispostas orgulhosamente em expositores, perguntando-se que seleiro os escolheria. Alguns ainda lançavam olhares aterrorizados a Skandar. Teriam genuinamente medo dele? De certeza que não se teriam arriscado a abandonar uma corrida tão importante se não tivessem. Ou tinham sido pressionados por Alastair, Kobi e Meiyi?

O ruído diminuiu significativamente quando os seleiros levantaram as suas criações e se apressaram para a linha de Filhotes. Patife não gostou nada disso. Tentou recuar, como se estivesse a ser atacado, e não foi o único unicórnio que ficou assustado. Uma Romily lívida mergulhou para o lado quando a crina negra de Astro da Meia-Noite se incendiou, e dois seleiros

tiveram de se desviar de rajadas de água enviadas na sua direção. Skandar não culpava os unicórnios. Os seleiros estavam praticamente a correr para eles, empurrando do caminho os outros concorrentes.

Contudo, em poucos minutos, muitos dos cavaleiros e unicórnios já formavam par com um seleiro. Flo fora a primeira a ser escolhida pelas Selas Martina — a seleira principal soluçava enquanto celebravam juntas na sua tenda de um azul-vivo. Ela fazia todas as selas de que o unicórnio prateado alguma vez precisasse e partilharia do seu sucesso.

Mas nem um único seleiro se aproximou do detentor do espírito. O coração de Skandar afundou-se: seria ele o único cavaleiro que restaria sem uma sela?

Para piorar as coisas, *dois* seleiros tinham-se aproximado de Mitchell — Nimroe e Taiting — e ele tentava escolher entre eles. Era óbvio para Skandar que Mitchell gostava mais da sela Nimroe. Estava sempre a passar a mão pelo couro cor de cinza e a remexer nas pequenas chamas douradas incrustadas nas abas de couro. Contudo, por algum motivo, voltava sempre ao seleiro Taiting. Era raro Mitchell ser indeciso, especialmente no que tocava a algo que tinha pesquisado.

— Escolhe logo a sela Nimroe; é óbvio que é aquela de que gostas mais — disse Skandar impacientemente ao seu amigo detentor do fogo. *E deixa que o outro me apresente uma sela*, pensou ele.

— Não é assim tão simples — murmurou Mitchell. — Não devia escolher uma sela Nimroe; o meu pai... — Ele travou-se. — Seja como for, as Taiting também são muito boas. Alguns diriam que são melhores; a minha família anda nelas há gerações.

HERÓIS IMPROVÁVEIS, MAGIA SURPREENDENTE,
BATALHAS NOS CÉUS E SEGREDOS ANTIGOS.
A SÉRIE SKANDAR É PERFEITA PARA TODOS
OS LEITORES QUE AMAM O FANTÁSTICO.



Skandar realizou o seu sonho: treinar
como um cavaleiro de unicórnios.

Mas agora surgem novas ameaças.
Unicórnios selvagens estão a ser mortos
e uma antiga profecia revela
um perigo iminente.

Conseguirá Skandar impedir que a Ilha acabe
destruída... antes que seja tarde demais?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@penguinkids

penguinlivros

ISBN 9789897848223



9 789897 848223 >